

# O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE  
na  
Rua do Hospício 85

Preço da assignatura por mez

Para a Corte ..... 1\$000  
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS  
começam  
no 1.º de cada mez

## A DESFORRA DE UM DEFUNTO

XVIII

(Continuação.)

Teria a moça herdado o odio de sua mãe?... conheceria a vergonha e a deshonra de seu pai?

— E' o Sr. barão de Lorsay? perguntou Julieta em voz baixa.

— Eu proprio! respondeu Didier; Francina me disse que Gontran mandava chamar-me, e está vendo que acudo immediatamente ao appello.

— Obrigada, Sr. barão; o Sr. Gontran vai melhor. Talvez eu me haja assustado sem maior motivo, mas elle deseja fallar-lhe, e, se o Sr. barão quizer...

— Estou ás suas ordens.

— Dê-me a sua mão.

Didier deu a mão; essa mão tremia.

Julieta reparou nisso e voltou-se sorprendida.

— Está com medo? perguntou em voz quasi jovial.

— Eu! respondeu Didier estremeendo.

— A sua mão treme...

— Não é nada... uma idéa... a estranheza da situação...

E deram alguns passos.

— Não entraremos já no quarto do Sr. Gontran, tornou Julieta após momentos de silencio; o doutor está com elle agora.

— Que diz do seu estado o doutor?

— Diz que o ferimento não o inquieta, a febre cessou, e elle está realmente melhor...

— Bom! interrompeu Didier; e, se o doutor não estiver enganado, poderemos, amanhã mesmo, mandar transportar o doente para minha casa.

Não tinha este acabado de pronunciar estas palavras, quando se aju por sua vez a mão da moça tremer na sua.

— Está com medo? disse elle por seu turno, com um laivo de malicia.

— Eu! respondeu Julieta.

— Os seus dedos estão gelados...

Julieta fez um movimento.

— Não é nada! disse, puxando apressadamente a mão.

— Entretanto...

— Cale-se... ahi está o doutor... Sahe, e vai passar por diante de nós.

Didier voltara-se machinalmente na direcção indicada por Julieta. Apenas, porém, avistou o doutor, sentiu-se gelado de espanto.

Com um gesto de susto, apertou a cabeça nas mãos.

— Elle! elle! exclamou; desgraçado! Ah! venha, venha! depois que vi esse homem, comprehendo mais do que nunca que cumpre temer pela vida de Gontran!

Segundos depois, chegaram á cabeceira do ferido.

Gontran reconheceu immediatamente o barão, e estendeu-lhe a mão.

— Quanto lhe agradeço, disse, ter acudido ao meu chamado! Estava soffrendo... tinha febre... e tive medo! ... Mas enganava-me, sem duvida, pois me parece que, desta tarde para cá, o meu estado tem melhorado sensivelmente.

Didier apertou a mão que o moço lhe estendia.

— E' possivel que se haja enganado, respondeu elle, é possivel; entretanto fez bem em tomar suas cautellas... e felicito-me por ter vindo... Responda-me, meu amigo; foi o doutor que sahio daqui?

— Foi.

— Que lhe disse elle?

— Quasi nada... mostrou-se satisfeito.

— Tanto melhor!... e quando ficou de voltar?

— Daqui a algumas horas.

— Para que?

— Para certificar-se por si mesmo do effeito da poção que me trouxe.

E Gontran mostrou um vidro que estava sobre a mesa.

O barão apoderou-se apressadamente do vidro... tirou a rolha, deixou cahir algumas gottas do seu conteudo em uma colher de prata e provou-o ligeiramente.

Um calafrio percorreu-lhe o corpo todo.

— Que tem o senhor? perguntou Gontran.

— Nada! respondeu o barão, que parecia abysmado



em um mundo de pungentes reminiscencias. Como deve-o senhor tomar este remedio?

— Tres gottas unicamente.

— E' isso mesmo!

E seguiu-se uma pausa.

— O senhor conhece então o licor que está nesse frasco? perguntou Gontran com interesse.

— Conheço-o, respondeu o barão, pois que já tive occasião de fazer eu mesmo uso delle.

— E deu-se bem?

— Tão bem que, cinco minutos depois de havel-o tomado...

— Estava curado...

— Estava morto.

Gontran sentou-se, ao passo que Julieta se aproximava assustada.

— Ah! bem razão tinha eu então para temer... balbuciou esta ultima.

— Sem duvida nenhuma.

— E que se deve fazer agora?

— Nada... Gontran vai experimentar se póde repousar algumas horas, como necessita. Não tocará nesta poção... e quando o doutor vier serei eu quem o receberá.

— Então, vou deixal-os?... disse Julieta, como pezarosa.

— Oh! minha filha, respondeu Didier. Mas, se consente, acompanhal-a-hei parte do caminho... pois tenho que lhe fallar.

— A que proposito?

— A proposito de Gontran; a proposito do interesse que elle lhe inspira e do papel mysterioso, estranho, inexplicavel que a senhora representa aqui, entre sua mãe e o conde des Aiglades.

Estas palavras tinham sido ditas em voz baixa, com um tom de firmeza que impressionou Julieta.

A moça deu alguns passos para a porta.

— Assiste-me o direito de me admirar das suas palavras, respondeu ella então, procurando dar firmeza á voz. Ninguem tem que vêr com o que faço aqui.

— Talvez!

— O interesse que tenho pelo Sr. Gontran é muito simples.

— Não é essa a minha opinião. Este moço achase em Pariz ha apenas alguns dias... a senhora mal o conhece... e...

Julieta conteve um gesto de impaciencia.

— A sua insistencia, tornou ella, é, pelo menos, singular! Perguntei-lhe eu porventura quaes os laços que o uniam a Gontran?... como foi que nasceu essa amizade que o senhor lhe consagra... essa dedicação que lhe votou tão subitamente?

— Mas...

— Creia-me, Sr. barão, ha sentimentos cuja profundidade é ás vezes imprudente sondar. Cada um de nós tem o seu fim... Façamos, o senhor e eu, o que a nossa consciencia e Deus nos aconselharem, e não busquemos senão em nós mesmos a força para cumprir a missão que nos impuzemos.

Tendo assim fallado, Julieta complimentou o barão

e desapareceu por traz das plantas que faziam da estufa uma especie de jardim dos tropicos.

— Estranha creatura! murmurou Didier, vendo-a afastar-se.

E voltou pensativo para junto de Gontran, que o esperava...

— O senhor vai então passar a noite junto de mim? perguntou este ultimo com um olhar de agradecimento.

— Confesse que a minha presença aqui é mais razoavel do que a de Julieta d'Orvado.

— Se o senhor soubesse, entretanto, com que solicitude ella tem velado em mim! desde hontem que não me tem deixado.

— Ah! sim! devéras?...

Gontran olhou para Didier com espanto.

— Que tem o senhor contra Julieta d'Orvado? perguntou elle de repente.

— E que quer o senhor que eu tenha? retorquiu Didier.

— Não sei, mas o senhor falla a respeito della com um certo azedume... Olhe, ha presentimentos que não enganam, e alguma cousa me diz que o senhor não gosta desta moça.

— Eu!

Gontran apertou com effusão a mão de Didier.

— Conheço-o ha bem pouco tempo, Sr. barão, disse em tom compenetrado, e o que me deixou entrever ácerca do meu passado... o que me contou a respeito de meu pai, a quem nunca conheci, tudo isso commoveu-me profundamente, e desde então deposei no senhor toda a minha confiança.

— E fez bem, respondeu Didier com voz cheia de autoridade: eu lhe contei que seu pai, cujo nome o senhor ainda ignora, morreu assassinado em Pariz, ha uns quinze annos. Disse-lhe que eu havia de vingal-o um dia. Pois bem! deixe-me executar a minha obra, e não entregue facilmente o seu coração a esses amores de acaso.

Gontran não respondeu.

Estava fatigado desde a vespera; tinha dormido pouco durante a noite precedente. Máo grado seu, as palpebras se lhe fechavam.

Fez elle um signal amigavel a Didier, deixou cahir a cabeça no travesseiro, e não tardou que dormisse.

Acabava elle apenas de fechar os olhos, quando um ruido de passos discretos fez-se ouvir no jardim.

Era o doutor.

O barão teve apenas tempo de se collocar por traz do cortinado da cama.

O doutor entrou.

O seu olhar, desconfiado e inquieto, volveu-se em torno do aposento, e satisfação não equivoca se lhe pintou na physionomia, quando vio que não havia alli ninguem.

Aproximou-se do ferido, escutou-lhe a respiração, e, tendo-se certificado de que estava realmente adormecido, pegou no frasco e desarranhou-o.

Em uma das mãos tinha o veneno e estendia a outra para uma colher de prata, quando sentiu o punho apertado como em um torno.



Voltou-se bruscamente e achou-se em presença do barão.

— Quem é o senhor? Que deseja? balbuciou o desgraçado.

— Olhe bem para mim, Sr. Dr. Roberto, respondeu Didier.

— Não o conheço...

— Recorde-se.

— De que?

— Brest... o coveiro... um cadaver...

— Seria o senhor!

— Está vendo que chego a tempo, pois venho impedil-o de commetter um novo crime!...

## XIX

O doutor olhava para Didier com olhos desvairados.

A surpresa dera lugar ao espanto, e a si proprio perguntava elle seriamente se não estava sendo ludibrio de algum sonho.

Afinal, entretanto, recuperou parte de sua firmeza.

— O senhor julga-me culpado, disse ao cabo de alguns instantes, e no emtanto eu sou mais desgraçado ainda do que póde imaginal-o...

— Devéras! respondeu Didier em tom sardonio. Mas essa poção que o senhor ia dar a este moço... não é a mesma que eu bebi em Brest?

— E'

— Podia matal-o.

— Não.

— Ter-lhe-hia dado, ao menos, como a mim, todas as apparencias da morte.

— E' exacto.

— E o senhor não hesitou?

O doutor abanou com tristeza a cabeça.

— Não tive tempo para hesitar, senhor, respondeu elle com accentuação de sinceridade; acho-me aqui em poder de um homem que póde perder-me, e a quem me foi mieter obedecer...

— Polichinello?

— Justamente.

— Mas como?

— Ah! é uma cousa terrivel! Deus está em toda parte, senhor, e não se deve nunca buscar evital-o. Em Brest, depois que o senhor partiu, circularam na cidade surdos rumores. Fallou-se em violação de sepulturas. Visitaram-se algumas, a fatalidade envolveu-se nisso, e, emfim, a minha situação não foi mais sustentavel.

— E o senhor veio para Pariz?

— Eu tinha um filho... foi nelle que pensei!... Cumpria que um dia não se pudesse atirar-lhe em rosto a recordação das culpas de seu pai.

— E' muito bonito isso.

— Ah! eu não havia contado com Polichinello!

— Elle encontrou-o em Pariz?

— E desde então estou a mercê delle.

— Comprehando, elle ameaçou-o com denunciar

os sacrilegios de Brest, se o senhor não o servisse nos seus planos,

— Exactamente.

— Mas que planos são esses? Para que esta morte apparente?... Que interesse...?

— Não passo de um instrumento, senhor; ignoro o fim que esses homens têm em vistas.

— Oh! quem ha de então fazer a luz nestas trevas!.. exclamou o barão, que ficou durante alguns momentos pensativo.

Depois, como se lhe acudisse subita idéa, ergueu repentinamente a cabeça.

— Sr. Dr. Roberto, disse então, não lhe quero exigir cousas impossiveis, e, além disso, está nos meus interesses que o conde des Aiglades ignore as nossas relações... Entretanto, tenho um serviço immediato que lhe pedir... e previno-o de que estou resolvido a exigil-o, em caso de necessidade...

— De que se trata?

— Trata-se de não fazer cousa alguma contra este moço antes de tornar a fallar-me.

— E quando o tornarei a vêr?

— Amanhã, talvez.

— Onde?

— Mandarei dizer-lhe por Julieta. Está convencio-

nado?

— Obedecerei.

— Então até amanhã...

— Até amanhã.

Didier ia afastar-se, quando o Dr. Roberto dete-

ve-o

— Ouça, disse-lhe em voz baixa.

Didier prestou attenção.

Percebia-se um ruido de passos no corredor... uma discreta mão acabava de tocar no fecho da porta.

— Entre neste gabinete, accrescentou o doutor.

— Quem é que vem ahí?

— A condessa.

— Clotilde!

Didier deu alguns passos. Mas já não lhe restava tempo para esconder-se... a condessa acabava de entrar e se aproximava lentamente.

A principio, não prestou attenção á presença de Didier, que se chegára para a sombra... e foi direito ao Dr. Roberto.

— Então? perguntou, indicando-lhe Gontran.

— Por emquanto, nada! respondeu o doutor. E' preciso esperar.

O olhar da condessa acabava de avistar Didier.

— Quem é este homem? perguntou ella com vivacidade.

— E' o homem que preparou a beberagem.

— Tem confiança nelle?..

— Como tenho-a em mim mesmo.

A condessa calou-se.

Continuava a olhar para Didier, que estava bastante constrangido. E, ao passo que olhava para elle, reflectia.

Didier tivera o cuidado de collocar-se de modo a estar de costas para a claridade.

Temia ser reconhecido, embora estivesse bastante mudado.



Vão temer!... A condessa naquella momento não pensava nelle.

— Senhor, disse ella após curta hesitação, o Dr. Roberto me fallou de sua sciencia profunda, despertou-me a curiosidade, e confesso-lhe que não deixo de estimar a occasião que se me offerece neste momento.

— Carecerá a Sra. Condessa dos meus serviços? disse Didier.

— Talvez.

— Se quizesse explicar-me...

— Hoje não; é uma confidencia grave... o mais tardar, amanhã.

— Pois seja... Reflecta, Sra. condessa, e, se se decidir, o doutor me communicará a sua resolução.

E, ditas estas palavras, Didier dirigiu-se para a porta e desapareceu.

Não podia mais conter-se; uma palavra ainda, e elle irromperia.

Ao atravessar o parque, viu passar um vulto a seu lado.

Era Lorin, o seu criado.

O que viria elle fazer á semelhante hora no palacete d'Orvado?

Didier sentiu o sangue gelar-se-lhe.

Evidentemente, Lorin trahia-o... Em que sentido porém... e em proveito de quem?

O barão sahiu e chamou o primeiro carro que encontrou.

— Para os Campos-Elysios! disse, subindo para a bóléa e sentando-se junto ao cocheiro; mas ouça-me bem: quando chegar ao n. 20, ha de ir rente com a parede, de modo a que eu possa deitar um olhar para o interior da casa, porém não pare, embora o chamem; comprehende?

— Perfeitamente.

— Bem! a caminho, meu amigo: nem uma palavra, nem um gesto. Vá devagar até lá, e parta como uma flexa, logo que chegar ao logar designado.

O cocheiro castigou os cavallos sem responder, e o carro partiu.

## XX

Didier não se havia enganado... Fôra, com effeito, Lorin que elle vira passar a seu lado, no jardim do palacete d'Orvado.

Eis o que havia acontecido nos Campos-Elysios, depois que o barão de Lorsay partira:

O velho Louvet nenhum protesto fizera contra a violencia de que era objecto; esperava alcançar a victoria na luta travada, e para pôr-se em acção esperou que Didier se houvesse afastado.

Quando julgou chegado o momento, puchou o cordão da campainha, e, quasi immediatamente, viu a porta abrir-se para dar passagem a Lorin.

Lorin não gostava dos agentes de policia; não repellia, porém, as occasiões que se lhe offereciam de travar conhecimento com elles.

Fez, pois, uma cortezia respeitosa, em que havia um laivo de ironia.

— O senhor chamou-me? perguntou em tom serio.

O velho Louvet soltou uma gargalhada:

— Olá! está ainda bem conservado, Sr. Lorin!.. disse elle. Então? olhe bem para mim, meu amigo...

— Como! quer que eu olhe para o senhor! respondeu o criado no auge do espanto.

— Pois não me reconhece?

— Que quer o senhor dizer?

— Quero dizer que fui eu que tive a honra de prendel-o, ha quatro annos, na occasião em que o senhor descia, ás duas horas da manhã, de uma sobre-loja da rua Vivienne.

— O senhor está enganado! bulbuciu Lorin; juro-lhe que é um engano...

Louvet tornou-se de repente severo e grave.

— Basta de denegações! interrompeu elle. Conheço o teu numero... e não é facil illudir ao tio Louvet. Demais, não é disso que se trata.

— De que é então? perguntou Lorin, que recuperava pouco a pouco a sua firmeza.

— Trata-se de teu amo.

— Que quer o senhor com elle?

— Teu amo não te recommendou que me vigiasse e não me deixasse sahir daqui?

— E' exacto.

— Pois bem! eu quero tomar fresco.

— E' impossivel.

— Qual impossivel!... Ignoras que daqui a menos de uma hora a casa estará cercada pela minha gente... e que se estabelecerá uma ratoeira donde será um tanto difficil sahir-se?

— Que está dizendo?...

— Estou te dizendo a verdade; e, visto que ahi estás para me guardares, poderás verificar o facto.

— Ah! o senhor é muito esperto, tio Louvet... e creio que tudo isso não passa de um ardil...

— Pois espera e verás.

Lorin fez uma carantonha.

— Tão tolo não sou eu! disse, e, como tenho mais amor á minha pelle do que á do patrão...

— Isso é muito justo...

— Salve-se quem puder: quando a casa ameaça ruina, os ratos poem-se ao fresco. Faço como elles.

— E procedes bem! approvou o agente, que, vendo-o afastar-se, enviou-lhe um gesto de adeus.

Lorin, de um salto, tinha alcançado o palacete d'Orvado.

Tão preocupado estava com a sua situação, que não viu o barão, por junto do qual passou a correr.

Era com Polichinello que elle queria fallar.

Encontrou-o em companhia do conde des Aiglades e de Sacco-de-Gêso.

Polichinello acreditava que as cartas do conde se achavam em poder de Francina, e fôra por essa razão que mandára chamar Sacco-de-Gêso.

Precisavam daquellas cartas, custasse o que lhes custasse, e prometteram quasi uma riqueza ao garoto, se elle conseguisse descobri-las e apoderar-se dellas.

(Continúa no proximo numero.)